

LUGARES DE AVENTURA: TURISMO ESPORTIVO E VISÕES DA NATUREZA

Gilmar Mascarenhas de Jesus (*)

RESUMO Não obstante certa desatenção acadêmica no Brasil, os esportes vem cumprindo papel relevante na definição de fluxos e destinos turísticos. Neste artigo, enfocamos os chamados “esportes de aventura”, amplo e indefinido leque de práticas recreativas em plena expansão. Investigamos as “visões” da natureza que são acionadas pelos organizadores e praticantes destas novas modalidades esportivas. Também atentamos para a territorialidade inconstante destas atividades, fator que dificulta o controle e verificação dos impactos sócio-ambientais decorrentes da profusão de novos lugares de aventura.

ABSTRACT: Despite a relative lack of notice by Brazilian scholars, sports have been increasing their importance in the definition of new tourism destinations. In this paper, we focus the so called “adventure sports”, wide and ill-defined spectrum of recreational practices in full expansion. We search for the visions of nature that are put to work by the organizers and participants of such new sport practices. We also pay attention to the changeable territoriality of such activities, a fact that makes the control and measuring of the socioenvironmental impacts of the multiple new places of adventure more difficult.

INTRODUÇÃO

Apesar de pouco estudados, os esportes constituem grande motivação para a prática do turismo. Segundo John Zahuar (1995), aproximadamente $\frac{1}{4}$ da receita turística norte-americana envolve atividades e eventos esportivos. Estudando o turismo esportivo na Espanha, Julian Miranda (1997) encontra índices semelhantes. Para Charles Pigeassou (1997), turismo e esportes, as duas maiores formas de lazer a céu aberto do século XX, tendem a se interpenetrar numa poderosa indústria do entretenimento.

Nas últimas duas décadas, destacam-se em projeção os “esportes de aventura”, que tendem a apresentar uma territorialidade provisória, completamente diferente daquela realizada pelas modalidades tradicionais, que se materializam em grandes e duráveis instalações fixas na paisagem¹. Os esportes de aventura rascunham portanto uma nova “geografia” do efêmero uso dos lugares.

No Brasil, ao contrário do que se observa no exterior, este campo de investigação permanece quase intacto². E tal cenário não condiz com as potencialidades e mesmo com o efetivo uso do território brasileiro nos últimos anos: enduros de motocross, *off road*, montanhismo, *mountain bike*, mergulho, canoagem, *rafting*, vôo livre etc., gerando inclusive uma profusão de revistas especializadas, todas de grande apelo turístico. Tais atividades concentram o afluxo de visitantes em momentos e lugares determinados aleatoriamente. E freqüentemente recorrem a áreas remotas e particularmente sensíveis à presença humana, tais como florestas, montanhas, dunas costeiras e alto curso de rios. Tais incursões afetam pequenas localidades, demandando a avaliação de impactos e o planejamento de áreas de turismo esportivo (MASCARENHAS, 1999).

O objetivo da presente comunicação é reunir material empírico e analítico para empreender uma reflexão inicial acerca da importância dos esportes no turismo praticado no Brasil, dedicando especial atenção aos chamados “esportes de aventura” e sua relação com as formas de consumo da natureza. Consumo nem sempre tangível, mas certamente mediado por representações.

A estrutura do texto distingue três momentos. Inicialmente, a partir da contribuição de John Towner (1996), apresentamos um panorama sucinto da evolução da percepção da natureza em sua relação com o turismo e os esportes. A seguir, balizamos os esportes de aventura enquanto fenômeno social contemporâneo e discutimos aspectos de sua peculiar territorialidade. Por fim, procuramos levantar questões em torno dos esportes de aventura no Brasil enquanto prática que articula determinadas visões da natureza com incursões turísticas ainda pouco estudadas, centrando o foco no evento “Rally Internacional dos Sertões”.

(*) Prof. Assistente - Univ. do Estado do Rio de Janeiro
Doutorando em Geografia Humana – Univ. de São Paulo

¹ Jean-Pierre Augustin (1997) aponta para a indefinição territorial (ou “liberdade espacial”, segundo François Vigneau, 1998) destas modalidades esportivas que ele considera de difícil controle e planejamento, e portanto de maior potencial de riscos à natureza e às comunidades locais.

² Desde 1993 publica-se regularmente “Journal of Sport Tourism”. Na Universidade de Luton (Reino Unido), há um curso de graduação (três anos de duração) denominado “Turismo Esportivo”. Surgem publicações de peso como o livro de Standeven & De Knop “*Sports Tourism*”, Human Kinetics, 1998, 368p. No Brasil, identificamos o artigo de Heloísa Bruhns (1998), do Departamento de Estudos do Lazer/ UNICAMP.

VISÕES DA NATUREZA E O TURISMO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

O conjunto de novas modalidades que aqui chamamos de esportes de aventura tende majoritariamente a buscar o contato direto com a natureza³. Neste sentido, podem ser compreendidas dentro de um movimento mais amplo e de longa data, que seria a busca de sítios naturais para a aventura recreativa. Tal movimento se apresenta como importante faceta da geografia histórica do turismo no Ocidente, e reflete, antes de tudo, formas socialmente construídas de conceber e contemplar a natureza.

John Towner (1996) dedica um capítulo de sua contundente obra ao entendimento das motivações de busca de lugares de natureza selvagem para fins turísticos. Detendo-se nos casos britânico e norte-americano, o autor identifica no século XVIII o início de um processo de mudança de percepção e atitude do Homem em relação à natureza. Ele observa que até então o “turista”⁴ que deixa a cidade em direção ao campo aprecia particularmente a paisagem agrícola, onde encontra a desejada harmonia da natureza ordenada e subjugada pelo trabalho humano. A natureza em estado selvagem era tomada como lugar inútil, inóspito, indesejável e perigoso, percepção devida em grande parte à influência de determinadas correntes do pensamento cristão (TOWNER, 1996:142).

Com o avanço e difusão da História Natural no decorrer do setecentismo, começa a tomar corpo uma nova percepção da natureza, antes restrita aos viajantes naturalistas. A concepção antropocêntrica paulatinamente cede terreno ao interesse pelo conhecimento da diversidade das formas de vida selvagem. Simultaneamente, a literatura e a pintura fornecem novas imagens da natureza, suscitando o prazer estético da contemplação de oceanos, desertos e montanhas⁵. Trata-se de um contexto histórico que inaugura, sobretudo entre as elites, uma avidez por “ler os arquivos da terra” (CORBIN, 1989:299).

No transcorrer do século XIX, difundem-se as novas tecnologias de transporte (as ferrovias e a navegação a vapor). O processo de urbanização na Europa Ocidental verifica aceleração crescente, gerando ambientes de turbulência social nos marcos da Revolução Industrial. A busca da tranquilidade na natureza e no mundo rural como válvula de escape para a agitação das grandes cidades se impõe como um embrião do “turismo de compensação”. Neste contexto observa-se a proliferação de parques e reservas para fins de preservação e recreação. Segundo Towner (1996:147), uma incipiente indústria do turismo fabrica e divulga imagens românticas e veneradoras de sítios naturais que não eram identificados pela própria cultura local.

No século XX, um conjunto de fatores (o surgimento das megalópoles, a institucionalização do tempo livre, o amplo debate em torno da poluição urbana/preservação ambiental, entre outros) atribui a esta modalidade turística expansão e contornos inéditos, cuja amplitude e diversidade não cabem nos limites deste trabalho. Vale apenas registrar que a contemplação da natureza deixa de ser privilégio de elites cultas para tornar-se atitude massificada, amplamente concebida no senso comum.

A grande expansão do esporte leva-o também ao encontro da natureza, envolvendo-o por conseguinte no circuito turístico. “Turismo e esporte se interligam historicamente desde o surgimento dos esportes de inverno nos Alpes, início do século XX. Mas o turismo esportivo como uma entidade em si mesma apenas emerge nos anos 1950. O termo *turismo esportivo*, por sua vez aparece finalmente em meados da década de 1970” (PIGEASSOU, C; BUI-XUAN, G. e GLEYSE, 1999).

A busca de sítios naturais para fins de recreação adquire hoje múltiplas facetas. Uma delas está diretamente associada ao advento dos “esportes de aventura”, que, apoiados na banalização de conquistas tecnológicas, geram novas visões e possibilidades de experiência junto à natureza (BRUHNS, 1998; MARINHO, 1999). No próximo segmento, trataremos de definir este novo campo esportivo e avaliar sua territorialidade.

³ Trabalhos como os de Fernandes (1998) e Marinho (1999) ratificam o caráter indefinido (em processo de formação) dos esportes de aventura. Registre-se que há modalidades esportivas enquadradas neste segmento que não recorrem à natureza, como o alpinismo em estruturas artificiais, o skate ou o *indoor karting*. Alguns autores preferem assim operar com outra conceituação mais precisa: “atividades físicas de aventura na natureza”, termo cunhado por Javier Betran (Marinho, 1999:64).

⁴ Utilizamos o termo embora a palavra “tourism” na Inglaterra não fosse empregada antes do início do século XIX (Zahuar, 1995).

⁵ Também a natureza selvagem das praias foi obviamente alvo de alterações no campo simbólico. Durante séculos elas foram encaradas como locais absolutamente inóspitos: “recipiente abissal dos restos do dilúvio”, de escuridão infinita e “mistérios insondáveis”. Imagens aterrorizantes de origem bíblica, que os poetas barrocos e a teologia natural começaram a diluir no século XVII (CORBIN, 1989:11-26). O uso medicinal do banho de mar se vincula a descobertas científicas de meados do século XVIII, mas sua intensificação com fins recreativos é um dado cultural do século XIX, quando se desenvolve toda uma “arquitetura do mar” (CORBIN, 1989: 274-80).

ESPORTES DE AVENTURA: UMA TERRITORIALIDADE INCONSTANTE

Em primeiro lugar devemos realçar que estamos diante de um fenômeno muito recente, de formato ainda indefinido e em pleno processo de incorporação na vida social. Conseqüentemente os poucos estudos a respeito revelam a ausência de uma conceitualização precisa. A terminologia empregada pelos usuários vem sendo socialmente construída nas últimas duas décadas, longe portanto de estar consolidada. Neste sentido, um conjunto igualmente indefinido de modalidades esportivas pode ser denominado de “esportes radicais”, “de aventura”, “de ação” ou mesmo “X-games” (de “extreme games”) (FERNANDES, 1998:96-99).

Neste quadro de vaguidades e imprecisão conceitual fizemos opções forçosamente simplificadoras. Seguindo o geógrafo Jean-Pierre Augustin (1997), adotamos aqui como esportes de aventura algumas modalidades que se realizam fora de ambientes “fechados” ou artificiais⁶. Por ambientes fechados/artificiais entendemos todas as edificações destinadas ao uso esportivo, tais como estádios, autódromos, campos de golfe, piscinas olímpicas, velódromos, pistas de atletismo, ginásios, hipódromos etc. Tais equipamentos foram criados não apenas para garantir o pleno controle das condições necessário à realização do esporte, mas também para atender à indústria do espetáculo que o envolve⁷. São grandes objetos fixos na paisagem, dotados de forte referencial simbólico (MASCARENHAS, 1999).

Augustin (1997) atenta para a emergência de um inacabado conjunto de práticas esportivas portador de uma “territorialidade incerta”, completamente distinta daquela verificada entre os esportes tradicionais. A busca de aventura, da vertigem e da realização pessoal superam, nas novas modalidades, a competição e a exibição para grandes platéias. Prescindem portanto de locais fixos para sua realização. Ao contrário, a noção de aventura pressupõe risco e novidade. A excitação inerente às novas práticas esportivas necessita desafiar novas situações. Locais de natureza virgem oferecem indubitavelmente elevada carga potencial de aventura.

O exame que realizamos de sites (na web) e revistas⁸ dedicadas especificamente à divulgação de eventos desta natureza revela que não é apenas a busca de situações excitantes e potencialmente perigosas (repletas de “adrenalina”, segundo o jargão dos usuários) que mobiliza os participantes. Promotores de eventos no ramo “esporte de aventura” imprescindivelmente adicionam em seu discurso uma exaltação da beleza natural do novo lugar escolhido. Nesta exaltação há forte apelo turístico: “paisagens paradisíacas” e “locais de encantos desconhecidos”, são imagens freqüentemente acionadas para estimular novos consumidores. Na opinião de Bruhns (1998:152 e 161), tais práticas, aparentemente inofensivas, refugiam-se sob a adjetivação do ecológico, mas não são devidamente refletidas, gerando choques culturais e outros resultados perversos e inesperados.

As fronteiras entre o esporte e o turismo nestas atividades nos parece um tanto imprecisas. Há portanto a necessidade de considerar eventos desta natureza no estudo do turismo. A seguir, algumas breves notas sobre esportes de aventura, turismo e visões da natureza no Brasil. Nos limites deste artigo, optamos por enfatizar um único evento que nos parece ilustrativo e paradigmático: o “Rally Internacional dos Sertões”

⁶ Ainda que existam esportes de aventura praticados em locais fechados, conforme já comentamos aqui, bem como esportes tradicionais que dispensam edificações/equipamentos específicos, como as maratonas que se utilizam das vias públicas.

⁷ O geógrafo inglês John Bale (1989; 1993) vem realizando estudos sobre as “paisagens esportivas” (sportscape), sua monofuncionalidade e tendência à estandardização.

⁸ Revistas consultadas: *Fora de Estrada* (Art Printer/ Promoven), *Bike Magazin* (Motor Press Lisboa), *Mergulho* (GR Um Editora). Sites: www.ecoaventura.com.br; www.dunas.com.br; www.parisdakar.com.br, incluindo programação especial do canal de TV por assinatura Sportv.

ESPORTES DE AVENTURA E TURISMO NO BRASIL: ALGUMAS NOTAS

John Zahuar (1995) afirma que o turismo impulsionado por esportes de aventura na natureza é apenas uma pequena parte do turismo esportivo (que abrange grandes eventos como os Jogos Olímpicos, por exemplo). No mesmo sentido, podemos afirmar que a prática do *off road*, é somente mais uma dentre tantas outras modalidades de aventura com apelo turístico. E lembrar que o evento aqui estudado se perde no oceano de competições *off road* programadas anualmente no Brasil. De forma que as palavras que se seguem somente pontuam momentos ínfimos do grande, variado e pouco investigado circuito de relações entre turismo, esporte e turismo esportivo no Brasil.

O Rally Internacional dos Sertões surgiu em 1992 e é realizado anualmente, com êxito crescente. É a maior competição *off road* da América Latina. Nas palavras de seus idealizadores, “conhecer o Brasil que ninguém viu” é sua meta principal. Nota-se que além de competir, trata-se de fazer uma espécie de turismo de aventura, ou ecoturismo, conforme o interesse do usuário e o trecho percorrido.

A primeira edição do “rally”, em 1993, abrangeu 3.500 km de Campos do Jordão (SP) a Natal (RN), reunindo 60 motociclistas. No ano seguinte, confirmando o princípio da territorialidade inconstante, os competidores partem de São Paulo em direção à capital potiguar por trajeto inteiramente novo, agora de 4.500 km de extensão⁹. Nos anos subsequentes, o “Rally dos Sertões” jamais repetirá o mesmo percurso: em 1997, por exemplo, os veículos viajam 5000 km “pelos mesmos caminhos da histórica Coluna Prestes”. Vimos que a inovação e o desafio são ingredientes fundamentais nos esportes de aventura. No caso do *off road*, o percurso é geralmente mantido em segredo até momentos antes da competição¹⁰.

Em 1995, a competição se “internacionaliza”, recebendo pilotos de expressão mundial, vencedores do famoso Rally Paris-Dakar¹¹. No ano seguinte, nasce a Dunas Race Eventos e Promoções, empresa que passa a organizar o evento em moldes “profissionais”: ampla infra-estrutura de postos de controle ao longo do trajeto, acompanhamento médico e de segurança, cobertura total da imprensa, mais de cem profissionais envolvidos etc.

Entre 10 e 21 de julho de 1999, realiza-se a sétima edição do “Rally dos Sertões”, que acompanhamos diariamente na imprensa escrita e falada e na internet. De São Paulo a Fortaleza, e com número recorde de participantes (450) envolvendo pilotos e navegadores acompanhados por profissionais de apoio (mecânicos, médicos, jornalistas, cinegrafistas etc) e 140 organizadores. Imagens de pesados veículos (incluindo caminhões) em alta velocidade destruindo micro-sistemas de drenagem, certamente atropelando pequenos animais e compactando solos, quiçá alterando sua estratigrafia. Eventualmente, violentas colisões com árvores. Esta série de impactos de visibilidade quase nula aos olhos do senso comum parece não sensibilizar os praticantes: “A Serra da Canastra ofereceu um cenário grandioso para a Especial, com motos e carros atravessando campos de altitude em trilhas que deixaram os cinegrafistas que acompanharam a prova em delírio”¹² Um piloto afirmou que parecia “decolar” pela alta velocidade nas retas. A natureza está ali para ser consumida visualmente. Todo o terreno é mera superfície de corrida, indiferente à violência brutal dos veículos.

Neste sentido, ao atravessar a região do Jalapão, afirma-se que a desertificação em curso no cerrado vem criando um “deserto não menos belo e interessante”, cuja “areia fofa” não impede os pilotos de “pisar fundo” (acelerar). A natureza é tomada como paisagem, cenário de contemplação, não como meio de sobrevivência para comunidades locais. No norte de Tocantins, o trecho em transição para a floresta ofereceu trilhas fechadas e “muita emoção”, sendo então apelidado pelos competidores de “Hilda Furacão”. Pode-se imaginar o que representou para a flora e fauna locais a visita de máquinas de velocidade guiadas por indivíduos preocupados em “vencer” o trecho no mais curto espaço de tempo possível.

Ao adentrar espaços naturais com veículos pesados em alta velocidade, compactando solos e facilitando a erosão, atropelando arbustos e pequenos animais, alterando o leito de córregos, gerando elevados ruídos, etc, estes esportistas tendem a produzir impactos ambientais incompatíveis com o discurso

⁹ “História do Rally”, em www.dunas.com.br.

¹⁰ Mesmo o clássico rally Paris - Dakar não repete o mesmo trajeto: a edição de 1999 foi na realidade um “Granada - Dakar”. Desde o fim da Guerra Fria, com a desestabilização política na África, os organizadores pautam as modificações de percurso menos pelo desejo de aventura que por segurança vital: em 1991 ocorreu o primeiro assassinato de um piloto, no Mali. Um caminhão explodiu no Marrocos em 1995 ao passar por uma mina terrestre. Em 1997, assassinatos na Argélia. Países como Angola também vem sendo evitados. O necessário investimento em aumento da segurança encareceu profundamente o valor da taxa de inscrição: U\$ 15 mil (Revista “Fora de Estrada”, 3 (13), pp. 18-19).

¹¹ A competição fora então homologada pela Federação Internacional de Motociclismo. Também neste ano são incluídos automóveis categoria 4 x 4.

¹² Cobertura completa do evento em www.dunas.com.br, site do qual retiramos os trechos aqui citados entre aspas.

ecológico que reproduzem¹³. O grau de violência da atividade pode inclusive atingir o próprio praticante: na edição 2000 do Rally dos Sertões, faleceu um piloto cearense. Segundo informam os organizadores, os “vários pequenos acidentes” que têm acontecido no Rally neste ano se explicam pela “combinação da vontade de ganhar com veículos muito potentes”¹⁴. Observa-se que o prazer dos competidores está na capacidade de superar no menor tempo possível a maior quantidade de desafios (irregularidades no terreno, obstáculos) impostos pela natureza¹⁵. Ao mesmo tempo que admiram os cenários, querem escrever mais um capítulo na luta humana pela subjugação da natureza pela tecnologia. Poderíamos mesmo indagar se Felix Guattari não teria inserido tais diversões na sua imensa lista de “drogas neurolépticas que imunizam contra a angústia ao custo da infantilização e da des-responsabilização” (Guattari, 1994:10).

No que tange aos impactos sócio-culturais, registre-se o contraste abismal entre a miséria gritante do sertão e a sofisticação de carros dotados de modernos sistemas de navegação, acompanhados por helicópteros. A empresa Unimed forneceu apoio total aos competidores que cruzavam áreas absolutamente carentes de serviços básicos de saúde, de saneamento etc. em outro contraste. Nas pequenas cidades que serviram de pernoite, as comunidades foram hospitaleiras, houve momentos de conagração, e alguns pilotos levaram presentes para as crianças. Vale entretanto indagar acerca da impressão deixada pela inusitada visita de representantes da “civilização” àquelas paragens do sertão. Semi-deuses de linguagem estranha (há estrangeiros) e suas reluzentes máquinas maravilhosas, que ao partir levantam a nuvem de poeira, em meio à qual pairam indagações perdidas.

BREVE CONCLUSÃO

Estamos lidando com práticas esportivas que preferencialmente se realizam em sítios naturais, isto é, locais que em geral não foram previamente preparados para receber os praticantes. O impacto destas atividades tende a ser elevado. E o fato de se buscar sempre novos locais, imprime ao movimento uma territorialidade inconstante, difícil portanto de ser submetida a uma avaliação segura de impactos sócio-ambientais.

Vale registrar que nesta nova prática “esportiva” está embutida uma certa idealização da natureza, mitificada no contato direto e desafiador com as forças naturais em “estado puro”, superadas pela suposta coragem, habilidade e sofisticada tecnologia. Os praticantes declaram-se “amantes e defensores da natureza”, mas nem sempre estão atentos ou conscientes dos impactos sócio-ambientais decorrentes de suas práticas rituais.

Quando se define o local de realização de um grande evento esportivo, se está também definindo um destino turístico, com todas as implicações inerentes ao processo de turistificação. Considerando-se a expansão dos esportes de aventura no Brasil, e o fato destes abrigarem um diversidade indefinível de práticas e sítios de atuação, faz-se necessário a realização de levantamentos e acompanhamentos, que permitam conhecer um pouco mais os impactos sócio-ambientais por eles gerados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTIN, Jean-Pierre. Les Territoires Incertains du Sport. Cahiers de Géographie du Quebec, 41(114), 1997, pp.405-411.
- _____. Les territoires émergents du sport. Le Revue de la Communication, Quaderni # 34, 1998, pp.129-140.
- BALE, John. Sport, Space and the City. New York: Routledge, 1993.
- _____. Sports Geography. London: E. & F.N. Spon, 1989

¹³ Embora sob a denominação de 3º RAID **ECOLÓGICO** DE JUIZ DE FORA, seus promotores anunciam que “os competidores terão muuuitas pedras e obstáculos difíceis a ultrapassar (...) e não faltarão belíssimos trechos em mata fechada, zona rural passando por fazendas, riachos e atoleiros”. Notar que na última década se difundiu o uso urbano de veículos similares, robustos utilitários de tração 4x4, alvo da crítica constante dos ecologistas (“De queridinhos a grandes vilões”, O Globo, 02/08/2000).

¹⁴ Cf. www.dunas.com.br. Outras informações e análises neste sentido se encontram em Mascarenhas (1999b). Notar que se trata de um mercado já bastante consolidado no Brasil, onde existem mais de cem “Jeep-clubes” bem espalhados no País e várias escolas de *off road*. O patrocínio de grandes empresas interessadas nestes eventos permite-lhes maior “liberdade espacial” e calendário anual repleto de eventos recobrimo amplamente o território nacional.

¹⁵ Mesmo quando se utiliza veículos leves como bicicletas, estes eventos podem causar alguns pequenos impactos ambientais, pois o princípio é o mesmo. Numa das etapas da Copa Brasil de Mountain Bike, disputada em Jaciara (MT), o circuito oferece como atrativos a geomorfologia acidentada do terreno e justamente “um pequeno rio”, tomado como mais um fator de garantia da aventura quase selvagem que se idealiza.

- BRUHNS, Heloísa. Visitando a natureza, experimentando intensidades. In: VASCONCELOS, Fábio (org.) Turismo e Meio Ambiente. Fortaleza: UECE, 1998, pp. 152-168.
- _____. Esporte e natureza, o aprendizado da experimentação. In SERRANO, Celia (org.) A educação pelas pedras. Ecoturismo e educação ambiental. São Paulo, Chronos, 2000, pp.25-46.
- BRUHNS, Heloísa, e SERRANO, Celia (orgs.) Viagens a natureza - turismo, cultura e meio ambiente. São Paulo, Papirus, 1997.
- CORBIN, Alain. Território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- FERNANDES, Rita de C. Esportes Radicais: referências para um estudo acadêmico. Conexões: Educação, Esporte e Lazer. 1 (1), pp 96-105, UNICAMP, 1998.
- LAVERY, Patrick (org.) Recreational Geography. London & Vancouver: David & Charles, 1971.
- MASCARENHAS, Gilmar. "Uma Introdução à Geografia dos Esportes", Scripta Nova - Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidade de Barcelona, marzo de 1999.
- _____. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas). Número 23, pp, 17-39, junho de 1999.
- _____. (2000) Ecoturismo de aventura esportiva: entre o discurso e a realidade. IV Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Joinville, IELUSC, novembro de 2000.
- MARINHO, Alcyane. Natureza, tecnologia e esporte: novos rumos. Conexões: Educação, Esporte e Lazer. 1 (2), pp 60-69, UNICAMP, 1999.
- MIRANDA, Julian. The role of sport in tourism destinations chosen by tourists visiting Spain. Journal of Sport Tourism, 4(3) 1997.
- PIGEASSOU, Charles. Sport and tourism: the emergence of sport into the offer of tourism. Between passion and reason (an overview of the French situation and perspectives. Journal of Sport Tourism, 4(2) 1997.
- PIGEASSOU, C; BUI-XUAN, G. and GLEYSE. Epistemological issues on sport tourism: challenge for a new scientific field. Journal of Sport Tourism, 5(2) 1999.
- TOWNER, John. An Historical Geography of Recreation and Tourism in the Western World 1540-1940. Chichester: Wiley, 1996.
- VIGNEAU, François. Les Espaces du Sport, Paris: PUF, 1998.
- ZAHUAR, J. Historical Perspectives of Sport Tourism. Journal of Sport Tourism, 4(3) 1997.